

A compressão e expansão do poder religioso procuram simbolizar na cruz e na espada um império de equilíbrio universal...

Os «filósofos» do tradicionalismo de um passado ignominioso pretendem fundamenteiramente a necessidade do equilíbrio do mundo social e político em duas forças supremas: a expansão e a compressão. Com os seus óculos de azelha colocados um pouco chinelo ao invés, querem ser uma espécie de filósofos do hospital das irmãs de caridade de Tarbes, após o 18 de frutidor. Uma coisa parecida com Azaís, que fôra fraude aos 16 anos.

Para eles, o mundo, a natureza, não está equilibrado, sem que as ideias arcaicas dos nossos antepassados voltem a refluir, em tóda a sua puçanga reaccionária, nos espíritos descrentes dos nossos celtâneos, que se desviaram da fé devido aos impulsos das falsas democracias. Isto quanto ao lado nacionalista.

Quanto à face internacionalista, elas espalham a imprevedibilidade duma expansão, em grande, da Cruz e da Espada, do Militarismo e da Igreja do Ocidente por terras pagás do Oriente...

E para que esta nova fase etnicista da renascença jesuítica e de absolutismo integral tenha uma característica alegórica que atterre as almas simplista, vai-se novamente ao museu das barbaridades antigas arrancar esta paradoxal legenda da bandeira da Inquisição: a Espada, símbolo da destruição, ao lado do «ramo de oliveira», símbolo da paz... Quer dizer: os tradicionalistas do moderno figurino amossilado idealizam o revivescimento dos nacionalismos católicos, apostólicos e romanos das pátrias do ocidente em cruzadas santas, a fim de que eles, em correrias medievais, vão impôr aos nacionalismos orientais a paz por meio de vanguardas absorções à força de cutiladas e canhão.

E o novo e epítetico hastamento do celeberrimo: *In hoc signo vinces...* com o qual se quer expandir a ética política, económica, social e religiosa dos assardinados «tradicionalistas» da última formada...

Mas para que esta loucura tradicionalista-religiosa possa ter maior êxito, melhor viccionamento à margem tenebrosa das fundas poças de sangue e mais forte esteio sobre os algares atulhados de triturados, cadáveres — tenta-se brandir o lema massacrador com que o bandido político que se chamou Napoleão III covardemente lançou ao povo da França: — *O império é a ordem...*

Esta divisa significa em gíria tradicionalista — compressão, isto é: formidanda repressão, por intermédio dum temível ditadura «durinâncica-hissopica», de tudo quanto não represente humilhação extática em frente dos bêntinhos, dos rosários, dos hábitos talares, dos crucifixos, das mitras, dos círios, das fardas, dos galões, das estrelas, dos penachos e da «suprema magestade o nosso senhor» da infalibilidade ditatorial apoiada nas baionetas, na desolação e na morte... em benefício crupilosos das hostes do tradicionalismo reaccionário...

Esta compressão é preparatória da expansão, sem se recordarem que aquela ordem do império pode vir a ter um desastreiro Metz ou Sédan. Eis a lei das compensações com que ambicionam equilibrar as velhas aspirações da liberdade humana, da felicidade universal.

A compressão e a expansão podemos também encontrá-las na luta contra os arianos, que negavam a divindade de Cristo, sustentada no concílio geral de Nica, em 325.

Podemos lobrigá-las no concílio geral de Epheso, de 431, realizado contra Nestório, bispo de Constantinopla, por não admitir a hipótese da tal Virgem Maria ser mãe do Deus e por afirmar que em Jesus Cristo havia duas pessoas distintas. E se neste concílio foi renovada a condenação do monge Pelágio por ter negado o pecado original e asseverado desassombradamente que não é preciso a graça de Deus para que o homem possa atingir a sua perfeição moral — isso não quer dizer que não rebente, em 451, outra questão contra Diocoro, bispo de Alexandria, e Eutícios, heresiarca grego, sendo o primeiro expulso da sua cadeira e o segundo excomungado em virtude de darem uma só natureza a Cristo e os restantes sacerdotes pretenderam que ele tivesse mais uma sobresselente — duas naturezas.

E para que a compressão e a expansão religiosas fossem mais além, estalam novas desordens no concílio geral de Constantinopla, onde compareceu o imperador Paganeta para, com a sua presença, «contrem-se os turbulentos». Foi um dia de discussão sobre o monoteísmo: Sérgio, Phyrro, Patro e Macário foram excomungados e todos os seus sacerdotes por não reconhecerem em Cristo «duas vontades, uma divina e outra humana, e tantas ações quantas as suas naturezas...».

E sempre nestas «conciliosas» desordens, de usurpações, de insultos, de anátemas, de excomunhões e de compressões contra a livre análise para a expansão dos maiores absurdos religiosos sempre em trágica po-

Réplica às “Novidades” de domingo “gordo” sobre a nossa ingenuidade e a sua falta de palavra

Dissémos que as nossas revelações sobre as congregações religiosas que, à ilharga da lei, funcionam livremente em Portugal, decorriam serenamente, visto que não seriam perturbadas pelos impropérios e pelos punhados de lama que as *“Novidades”* nos arremessariam pródigamente com suas mãos papudas, e cabeludas como a de certos animais que se assemelham e confundem com a espécie humana — isto não é uma alusão ao sr. Liao Neto... E se tal afirmámos foi por termos cometido a ingenuidade, ingenuidade de que nos arrependedemos, de ter confiado na seriedade moral e na dignidade profissional das *“Novidades”* que nos haviam jurado, pública e religiosa solemnidade pelo seu Deus — o Deus de trazer lá por casa — que não mais voltariam a ocupar-se da nossa campanha visto que não desciam a referir-se a «miserias jornalísticas». Acreditámos. Afinal, em pleno domingo gordo, as *“Novidades”* descem, descem miseravelmente, a empregar com a nossa campanha para a fulminar com uns risíveis e grotescos raios... de palavras com uns ares cómicos de Jupiter carnavalesco, sórdido como a quadra do ano que hoje, felizmente, tem seu ignominioso desfecho. E assim, vem aquela fôlha da sacrifício afirmar publicamente a sua falta de seriedade, e sua insensibilidade moral, apenas para nos dar uma descompostura, sem grandeza e sem elevação, em tudo digna dessas beatas que arrastam sua vida nas igrejas, intrigando e odiando o próximo.

Afirmámos — afirmámos e provámos — a existência de congregações religiosas em Portugal, relatando alguns dos seus crimes e das suas infâmias, pormenorizando bem uns e outros, só lamentando não termos uma lista completa desses malefícios para a publicarmos, sem palavrões e sem patacoadas de «livre pensadeiro» fanático. As *“Novidades”* não opõem uma negativa, ainda que palida e tímida, antes confirmam tudo que aqui temos dito, embora jesuiticamente dissimulem, chamanhão as congregações «associações de piedade católica, agrupamentos de catequese ou modestíssimas patronatos de crianças arrancadas à miséria das ruas». Então as crianças e raparigas do Pensionato de Nossa Senhora dos Innocentes da Congregação com sede em Santarém, cujos pais ricos e até riquíssimos chegam a pagar dez escudos de pomada para calçado mensalmente (!) foram arrancadas à miséria das ruas? Uma mentira tão descabelada, nem em domingo gordo é aceitável e perdoável!

Insistem muito as *“Novidades”* em que insultámos senhoras respeitáveis. De facto temos aqui referido largamente a ação das damas que são as almas — divinamente danadas — da Congregação de Nossa Senhora do Rosário de Fátima, mas não usámos para com elas o menor epíteto injurioso. Limitamo-nos a aplicar-lhes os adjetivos que melhor definem a sua ação, negrégada e nefasta.

Dissemos, porventura, que essas senhoras possuíam horror à água, não tomavam banho, tinham em suas cabeças exóticas populações, que metiam os dedos no nariz, nunca mudavam de roupa branca e íntima e se assavam aos dedos?

Tal não fizemos, supondo até que elas são inatacáveis nesse ponto sem pensarmos sequer em disso averigar, partindo, como partimos do princípio que constituem uma indiscreção antipática, mesmo para um jornalista, as reportagens sobre a higiene das damas católicas.

Afirmámos ou insinuámos que essas senhoras extra-matrimónio com freqüência? As *“Novidades”* sabem perfeitamente que a tal não nos referimos, respeitando, ao máximo, a honra alheia e feminina. Nem sequer dissemos que elas eram esposas de Deus — denunciando assim espirituais adulterios...

Dissemos que as damas metiam as mãos indevidamente nas algibeiras do próximo? Dissemos, de facto, mas acrescentámos que esse gesto não passava dum alcance com «intenções divinas» — isto é aprovado e aconselhado por Deus, visto que o dinheiro roubado aos pais das raparigas ricas vai parar inteirinho às

As bárbaras tradições do Carnaval deprimem a dignidade humana

Num jornal que, como *A Batalha*, se propõe orientar as massas trabalhadoras, a parte da população com que há a contar seguramente para a edificação dos alicerces da sociedade futura, creio que ficam sempre bem todas as demonstrações que possam concorrer para iniciar numa guerra sem tréguas, a todas as velhas tradições e preconceitos absurdos que servem quasi sempre de obstáculos poderosos à marcha progressiva das sociedades. Por isso, neste momento, e pela oportunidade do assunto, quero deixar bem vincada a minha maneira de encarar a exibição do carnaval e a necessidade urgente de combater as suas exasperadas brutalidades, reveladoras da nossa enfermiza passividade e falta de ação jeificada.

Nos nossos dias mesmo, aí estamos continuamente a assistir a manejos desta natureza, não só por parte dos dirigentes como por parte da burguesia que hoje mais do que nunca tem pretensões de dominar. Assim, não nos têm faltado elegantes festas de mercados para os divinizar, concursos hípicos, touradas com touros de morte, combates de box, desafios de futebol e tudo o mais que seja preciso para divertir o povo, o eterno iludió — e ao mesmo tempo embalar a sensibilidade e deprimir o carácter. Portanto, fixemos bem este ponto: — o carnaval é uma tradição conscientemente mantida por todos aqueles que necessitam de deitar poeira nos olhos das pobres vítimas que exploram, e absolutamente necessária, como são as várias fantochadas que para si se organizam, para conservar o povo alheado da tragédia tremenda que o ameaça e que a todo o custo não esqueçamos este pequeno pormenor.

E certo que o carnaval de hoje, nada se parece já com o que se exibia nos tempos dos nossos avós, em que a brutalidade da alegria era elevada ao máximo; mas, o que é também certo é que, o que para até vêremos poucos dias que a folhinha decreta para divertimento do povo, é simplesmente indigno da época em que vivemos e reverador de uma grande pobreza de espírito.

Além da falta de respeito pela liberdade de todos aqueles que já emancipados destas velharias querem ter o direito de transitá-las pelas ruas e mais lugares públicos, sem serem incomodados pelas insolências dos que naqueles dias deixam cair a máscara que durante todo o ano trouxeram afivelada, é muito desolador ver a que paixões repugnantes se submetem certas pessoas com o fim de se divertirem.

Desde a exibição de costumes em que se ridicularizam a velhice e certas deformidades físicas e morais, mendigando para a satisfação de vários vícios, até ao envergação de trajes com que a vaidez se cultiva, a tudo se prestam os alegres foliões que levam o seu inconsciente procedimento até o ponto de não poupar os seus inocentes filhinhos à iniciação da deprimente arte de se mascararem!

Como se não bastasse já a herança atávica que sobre nós pesa, de em Portugal se sempre muito frequente o uso da máscara, como o prova a necessidade da publicação de um alvará para proibir o seu uso em 1689.

O carnaval é pois uma brutalidade que existe desde tempos muito remotos e que tem resistido a todos os esforços para lhe pôr cônico. Porque? Porque aqueles que ali hoje o têm contrariado por meio de

Vitoria PAIS

ATRAVEZ DE RECORDAÇÕES...

Só a educação racional pode formar seres livres e fortes

Desgraçado-nos falar ou escrever coisa que se prenda com a nossa personalidade por muitos motivos e razões que para aqui não traçemos por fastidiosos e inuteis, mas não podemos furtar-nos a mostrar aos nossos leitores, servindo-nos do caso que representamos, que a necessidade de uma educação racional e perfeitamente humana da criança se nos impõe de forma inconfundível e urgente. Não vemos que, com raras exceções, se tenha tratado entre nós de fazer a sério a propaganda absolutamente necessária de educar os nossos filhos de maneira que no futuro venham a ser a falange aguerrida que há de dar na Sociedade madrasta o golpe de misericórdia tão rudo e tão violento que vive para sempre a Humanidade da opressão esmagadora que vive. Diz o Povo, e ele lá tem as suas razões, que de pequenino se torce o pepino...

Nós que, por muito querermos os nossos filhos... não podemos comparar a resfriado curucitacea, não deixamos, no entanto, de concordar em que as primeiras impressões, boas ou más, que o cérebro de uma criança sofre, são aquelas que, pela vida fora a guião no trilho tantas vezes pedregoso e difícil da existência.

Como deveria fazer-se a educação da primeira infância

Tanto quanto conseguimos recuar no tempo e recordar a nossa infância, nós não temos na memória a mais insignificante noção de Deus eu de querer que para aquilo não traçemos por fastidiosos e inuteis, mas não podemos furtar-nos a mostrar aos nossos leitores, servindo-nos do caso que representamos, que a necessidade de uma educação racional e perfeitamente humana da criança se nos impõe de forma inconfundível e urgente. Não vemos que, com raras exceções, se tenha tratado entre nós de fazer a sério a propaganda absolutamente necessária de educar os nossos filhos de maneira que no futuro venham a ser a falange aguerrida que há de dar na Sociedade madrasta o golpe de misericórdia tão rudo e tão violento que vive para sempre a Humanidade da opressão esmagadora que vive. Diz o Povo, e ele lá tem as suas razões, que de pequenino se torce o pepino...

Nós que, por muito querermos os nossos filhos... não podemos comparar a resfriado curucitacea, não deixamos, no entanto, de concordar em que aí se manifestava na raiva que nos causou a prisão, para nós quase sacrilegio, de Cristiano de Carvalho, o grande amigo que tanto nos encantava com sua conversa e tanto nos honrou fazendo a nossa caricatura na porta... de uma retrete!

Por esse tempo fazia-se entre o operariado larga distribuição de folhas volantes de propaganda e instintivamente nós sentímos, já enorme prazer em dar o nosso trabalho de dobrar esses panfletos que mal sabíamos solteiros mas que estimavam imenso pelo maneira como víamos que eram lidos e o entusiasmo que despertavam. Visitávamos algumas vezes a Universidade Livre que vários libertários sustentavam, com grande trabalho e a contemplação de um enorme busto da liberdade que ao fundo do salão se destacava, despertava em nós a forte comoção que ainda hoje sentimos ao pensar nessa palavra que resume em si um mundo de belas utopias.

Lentamente o nosso espírito de criança se desenvolveu, sem esforço procurando a explicação de tudo o que nos era vedado entender. Nunca nos furtaram o prazer dum explicação pedida. O amor pelos desgraçados institutivamente brotava em nós. Tudo o que era fraco nos era simpático! Recordá-nos bem que pelo inverno quando a geada cala, nós sofriamos horrivelmente por não podermos pôr as plantas do nosso pequeno quintal às intempéries, e não raro fazímos sortidas de casa para cobrir com papéis ou esteiras as plantas mais mimosas... que matávamos com o peso das coberturas...

O tempo passou e... nós tão bem passámos. Na escola secundária sofremos ainda

A BATALHA



Saudando “A Batalha”

Ven à nossa redacção a Academia Recreativa de Linda-a-Velha, que gentilmente saudou. A sua banda executou alguns trechos de música que deixaram agrados quantos tiveram ensejo de escutar. Retribuímos as saudações à popular instituição.

Como nos anos anteriores A BATALHA não se publica amanhã.

TEATRO APOLÓ

HOJE
A linda farça

Hortense, deita-te

e a comédia

MARIDOS ENCRAVADOS

em que ADELINA ABRANCHES tem uma admirável criação

Teatro Gimnásio

Hoje-Hoje

a jocosa comédia

GUERRA AO VINHO

e a hilariante

REVISTA NÚA

Depois do espetáculo haverá um grandioso BAILE DE MASCARAS dando entrada aos espectadores da récita

COLISEU DOS RECREIOS

Grandiosas festas do Carnaval

HOJE às 14,30 HOJE

MATINEE seguida de um deslumbrante BAILE INFANTIL com brindes a todas as crianças mascaradas e prémios especiais as que obtiverem as melhores classificações

Um palhaco com bombons da Casa Suissa; um chapéu da Chapelaria Chic; 6 frascos com licores da Fábrica Ancor; um par de brincos da Loja do Povo da Estefânia; dois casacos do Novo Fauqueiro das Avenidas; uma caixa de bombons da Patisserie Versalles; uma estufeta da Cerâmica Lusitana; um taboleiro de marmelada de Adolfo Gonçalves Fagulha; uma mala da Casa das Carteiras; uma coleção de músicas da Casa Sasseti; quatro pentes de João Ferreira Gomes, L.; dois vigésimos da Casa Gamma; um estojo de bordar da Casa La Bécara; uma capa de oleado da Antiga Casa José Alexandre; um cesto de metal da Antiga Casa Viúva Campos, Lda; dois pares de meias sport da Casa Chaves; um harmonium da Viúva Rangel Maia; uma lâmpada elétrica da Casa Trinúfo; três espelhos da Perfumaria Ideal; um jôgo de paciências da Casa La Bécara; um serviço de chá da Casa das Balanças; uma corneta de Custódio Cardoso Pereira; um solitário da Casa Viúva Campos, Lda; vinte escovas para unhas da Casa José Alexandre e um aparelho electroterápico do Salão das Novidades Alemãs.

A NOITE

HILARIANTE ESPECTACULO com um magnifico programa comic e burlesco seguido de um deslumbrante Baile de mascaras durante o qual tocarão alternadamente 2 magnificas bandas de música 2 Os melhores e mais baratos divertimentos carnavalescos

SÁBADO, 20-Estreia da NOVA COMPANHIA DE CIRCO

Influído da implantação da República por que iríamos lutar tantas vezes, já entoámos a repugnância pelo bicho e fomos dos que apedrejaram uma esquadra de polícia que postava diante do liceu nos mantinha engarrados o dia inteiro... Dírio os Barbosas Vianas que era já o instinto de legionário que despertava em nós. Sim, talvez fosse. Mas isso não era, ao tempo, senão motivo para elogios e louviaminhos, enquanto que hoje...

Fomos depois na mocidade em flor... adivinhem o quê? Democrático! Tristemente o confessamos, aqui, leitores amigos! Os democráticos dos primeiros tempos desta república eram um pouco legiões e nós não resistímos já às tentações demoníacas... Sabímos que eles não toleravam os padres e isso nos bastava. Desconfiamos a existência de antros inimigos da Igreja e inexperientes... acaramadámos por algum tempo com a canhoneira da banzaria.

* * *

Um dia, porém (foi pela guerra) assistimos à passagem de uma manifestação-monstro, organizada para saudar as nações aliadas. Era no tempo em que a França era o espírito da Liberdade que a feira Alemanha dilacerava já com a garrada adunca... A praça de onde assistímos ao desfile resplandecia de pátrotas exaltados. Uma mole imensa cantava a Portugal rubra de gôsso pela rápida intervenção na carnificina, Dírio, música, entusiasmo.

Do repente, porém, vemos que entre os cantores há um grupo que não acerta e, fixando mais um pouco, compreendemos que desse grupo se despede um canto mais bárbaro, mais rude, que, sem bem sabermos porque, nos causa calafrios.

O momento fixamo-lo bem, porque representa na nossa vida intelectual o momento do resgate, aquele de que saímos para sempre curados da nefasta influência política em cuja malha a nossa inexperiência nos fez cair.

Na multidão que há pouco fixávamos fez-se um movimento de recuo. Aqui e ali apareceram agentes da ordem e entre eles o comissário de polícia (Deus lhe fale n'alma) que rápido é o rato indica para a deodade a que a lei reclama para exemplo tão cego como ela... Este, aquele, aqueloutro, e os agentes lá vão lançando mãos das vitimas que o chefe lhes indica. Há um certo pânico na multidão que não chega a compreender o que se passa e... lá vão caminhando da cadeia, cantando sempre a sua bárbara música-protesto os componentes do grupo que há pouco passava junto a nós!

Desde então nós libertámos-nos para sempre das algemas que nos prendiam ao passado! Aquel pequeno grupo de valentes que entre tão grande multidão, imitemeramente, bravava o seu protesto contra a guerra, chamou-nos à realidade!

Raciocinámos que era pelo menos injusta uma prisão naquelas condições e que aos do grupo devia dar-se a mesma liberdade que aos da multidão se concedia.

Muito tempo nos conservámos imersos na dor profunda que o facto nos causou e quando despertamos, sentimos que para sempre teríamos de seguir aquela fraca minoria que não hesitava dar a nota discordante no meio de tão patriótica harmonia.

Para um ideal mais humano!

Ascendemos rapidamente ao ideal seguindo por aqueles homens. A propagação que então os seus amigos começaram a fazer iludiu-nos dos pontos obscuros que as suas doutrinas tinham para nós.

Rapidamente dizemos nós porque fixámos um ponto recente da nossa evolução intelectual, mas dizemos mal, porque senão fôr a educação racional que nos ministram, senão fôr o amor pelos fracos que de criança incutiram no nosso cérebro, não fôsse enfim termos privado com homens e coisas que em nada se pareciam com a maioria dos que esta corrupta sociedade alimenta, nós não estaríamos preparados intelectualmente para receber, sentindo-a, à influência salutar do ideal cheio de Amor e de Beleza que a Anarquia representa!

Por isso aconselhamos os proletários a cuidarem com amor e educação dos seus filhos.

Os nossos exemplos não é o único. Milhares serão eles e milhares serão se, como deve, o operário organizado se interessar um pouco mais ainda pela educação dos pequenos cérebros dos seus filhos que amanhã terão de ser os construtores da nova Humanidade!

LIBERTUS

Lêde o Suplemento de A BATALHA

TIVOLI

Teatr. II. 544
Matinée às 3 h. Soirée às 8 3/4

ESPECTACULOS DE CARNAVAL

Programas cómicos com

MAX LINER

CHARLOT

AMPINHAS

PENCUDO

TORCATO

et HAROLD LLOYD

Na "matinée" os preços não são aumentados e as crianças acompanhadas de suas famílias tem entrada gratuita mas sem direito a ocuparem lugar sentado

Quarta-feira: Deia prima vez em Portugal

TO MMIX

Teatro São Luiz

Última noite de CARNAVAL, com um BAILE DE MASCARAS depois do espetáculo — Definitiva e irrevogável representação às 8 e 1/2

DOIS DISCURSOS MAGISTRALIS

O do «Maire» O do «Gendarme»
(Alvaro Pereira) (Alvaro de Almeida)

Os dois «grandes» e chistosos oradores da linda opereta

Os Gaviões

Imponentes marchas e coros

O AUTOMÓVEL SÓ ERA ACESSIVEL AOS RICOS

A COOPERATIVA LISBONENSE DE CHAUFFEURS PROLETARIZOU-O

Por isso, as classes trabalhadoras têm o dever de preferir o taxis "Citroën" (palhinha amarela) a qualquer outro

'A Batalha' na província e arredores

Sines

O desleixo provoca o isolamento da terra

SINES, 14.—Esta terra que outrora teve estradas em estado de conservação invejável, assim como no resto do país, está voltada ao mais criminoso desprisco por parte dos poderes constituidos que de tudo terão tratado menos do interesse do povo; esse passo a quem falavam, e lhe chamaram soberano, para que este o elevasse às culminâncias da mangedoura estatal.

Servidos os seus interesses pessoais, os pais da pátria eclipsaram-se, entretendo-se apenas a disputar a posse da grande queijada dos cofres públicos e tudo quanto se possa meter o dedo para lambé.

Infelizmente hoje estamos sujeitos ao recebimento da correspondência com um dia atraço e mais, e em breve será o isolamento total visto que as estradas que dão acesso a Santiago do Cacém e da Granada ou a Ferreira do Alentejo, etc, etc, nos vedam a passagem quase totalmente.

E então, para quem tenha de seguir viagem para qualquer ponto, conto para Lisboa por exemplo; terá de mandar chamar notário para fazer testamento e os amigos para lhes dar o último adeus como se tivesse de seguir viagem para o polo norte em missão de estudo.

Outrora tivemos carreira marítima a vapor que marchando de Lisboa para os portos do Algarve fazia a escala por Sines, e então tornava-se mais comoda a viagem em todos os sentidos para qualquer destes pontos; e até mesmo por terra cubiculoso era viajar-se pois que as estradas eram um modelo macadam, como que rivalizando com as modernas avenidas.

A queda da indústria é irremediável, todos os dias se registando falência de fábricas. E no campo os lavradores são forçados a vender ao desbarato as colheitas tendo de adquirir por fabulosos preços aquilo de que necessitam. Imagine-se que trágicas determinações desta aguda crise.

O próprio estado não resistiu tamanha derrocada. As dívidas de guerra, a precipitada diminuição de receitas, a manutenção do grande funcionalismo militares e civis, provocam no orçamento um deficit cada vez maior e mais insolvente. E, entretanto, como é próprio de arruinados, os ministros e altos funcionários fazem enormes despesas a todos os pretextos.

O próprio estado não resistiu tamanha derrocada. As dívidas de guerra, a precipitada diminuição de receitas, a manutenção do grande funcionalismo militares e civis, provocam no orçamento um deficit cada vez maior e mais insolvente. E, entretanto, como é próprio de arruinados, os ministros e altos funcionários fazem enormes despesas a todos os pretextos.

Uma pirraça de milionário

CAIRO, 15.—O multi-milionário John Rockefeller ofereceu 10 milhões de dólares para edificar o mais belo museu do mundo.

Paga o banqueiro...

PARIS, 15.—Pela Câmara dos Deputados foi rejeitado o aumento dos direitos sobre os cafés, o sal e os alcoóis, e aprovou o aumento da taxa sobre as operações bancárias.

História cômica de um cacete abençoado por Deus

LOULÉ, 14.—Nesta vila deu-se há dias um caso picareco bem próprio da época carnavalesca que decorre.

Existe aqui um agrupamento de juventude católica, chefiado por dois padres e acolitado pelo escrivão de direito Machadinho, de todos conhecido pelo requintado sobriquet de «Pardal Rabão» e que se afirma um grandíssimo republicano. Vamos, por isso, ao caso.

Alguns rapazinhos, filhos de famílias fidalgas da terra, uns aspirando a bispos, outros a papas, todos á honrarias da burguesia, Igreja, alugaram uma casa para lá se reunirem.

Numa das últimas noites, o sr. D. João Vaiadas de Barros Teixeira de Aragão Moura — e não sabemos de que mais apelidos — foi assistir à reunião da saráfica juventude. Mas, não confiando dos correligionários nem da proteção de Deus, e dos santos da corte celestial, muniu-se de um respeitável cajado, cujo tirocinio o menino de muitos nomes anda tentado.

Ao sair da espiritual assemblea esqueceu-se o «moco fidalgão» de trazer a formidável moça. Pois os talas saraficos jovens católicos fizeram ao colega partida igual a que fariam a um apostolo de Maomé: fo-

ram-se ao cacete e pintaram-no de vermelho e encarnado, trocando alegremente de Deus, das almas e dos santos. A meio do cajado alaram uma fita com as iniciais da juventude católica, depois de que encaxotaram o sagrado instrumento e mandaram-no ao menino, por despacho de grande velocidade em caminho de ferro.

O «menino fidalgão» foi à do diabo, e o caso não era para menos: fizeram do baculo de um bispo a moça de um livre pensador assanhado... — G

Loulé

Superiora todas as mitações nacionais e estrangeiras

LABORATÓRIOS DA ENGENHARIA SOMOSTORNHO

Draço dos Restauradores, 18 LISBOA

EDEN TEATRO

HOJE — HOJE EM ESPECTÁCULO INTEIRO A REVISTA

Fungágá

em que se realizará o desafio de Foot-Ball entre o público e o «team» Feminino para disputa da Taça Eden Teatro.

Depois do espetáculo um deslumbrante

BAILE DE MASCARAS

abrilhantado por uma BANDA DE MUSICA e um autêntico JAZZ-BAND

HOJE, TEATRO NACIONAL, HOJE

A Interessante comédia

Mademoiselle

Demónio

que tanto êxito obteve ontem

HOJE

Em matinée

Grandioso Baile

Infantil

Com prémios às crianças melhor mascaradas

Depois do espetáculo, à meia noite Grandioso BAILE DE MASCARAS. 50% de abatimento aos espectadores que comprem bilhete de baile e de plateia para assistir ao espetáculo.

Fauteuils, 15\$00; Cadeiras, 12\$00; Superior, 6\$50;

Varandas, 3\$50; Geral, 4\$50.

TEATROS, MÚSICA & CINEMAS

Os teatros e o Carnaval

O Carnaval que a folhinha marca vem fazer corresponde à carnaval político triunfante todo o ano e em geral com as mesmas cegadas andrajosas de carácter, com os mesmos chás-chás, pintados com o zarcão dum falso pudor, com as mesmas vallas de capote e lenço, de caixa de rapé e lenço encarnado aptas a calcular a intriga sozinha de todos os dias, com que lidebriam os incertos.

Por essas ruas exibe-se uma multidão de famélicos que com uma música infernal invade os estabelecimentos à caça de dinheiro, como a filarmónica dos estadistas invade as páginas do Diário do Governo com a sinfonia dos impostos que sugam o povo até à última gota... de argent.

A BATALHA

O melhor passado e o que não está em antagonismo com o presente e nos serve de guia para o futuro.

A greve de Lourenço Marques

Um ferroviário cobardemente assassinado a tiro, por um espião do governo!

Dos jornais de Moçambique passamos a respeitar o que neles encontrámos de mais interessante sobre a greve de Lourenço Marques:

— Um telegrama de Mbabane diz que a greve está afetando muito seriamente a região oriental da Suazilândia e que grandes remessas de gêneros estão sendo demoradas, sentido-se a ameaça dum grande escassez de gêneros.

— O alto comissário, para prender o general M. J. da Silva, mandou assaltar a casa onde ele se encontrava pacificamente retido, por 17 polícias.

O Star, de Johannesburg, tendo mandado um seu enviado especial a Lourenço Marques, conta que «uma considerável quantidade de carga teve já de ser arrumada ao ar livre, em virtude dos armazéns estarem cheios; e que o comércio de carne está sendo fortemente afetado, tendo já vários navios visto na necessidade de se dirigirem para Durban e outros portos para carregar».

— Na estrada da Moamba, um numeroso grupo de polícias atacou uma casa a tiro, estabelecendo-se, entre sitiados e sitiados, vivo tiroteio. Da refrega saíram presos oito grevistas que pacatamente ali estavam abrigados. Era intenção dos sitiados prender Mendes de Teng, mas este conseguiu evadir-se. O Mendes não é grevista.

— Um redactor de O Guardian diz que mais de 50.000 toneladas de carne tinham deixado de ser embarcadas em princípios de Janeiro.

— Numa correspondência de Lourenço Marques frisa-se que os prejuízos causados pelo governo, lançando-se na aventura das violências contra os ferroviários, se estão agravando de meio milhão esterlinos.

— O jornal O Direito diz que a direcção dos C. F. L. M. tem recebido muitas reclamações de várias casas, protestando contra a demora na remessa de mercadorias, tendo a mesma direcção apresentado desculpas, invocando a anormalidade da situação. O mesmo jornal choca-se o governo por falsoamente ter dito para Lisboa e para a União, que tudo estava normalizado, quando se prova que, o que tudo está é desorganizado.

— O Direito, de Lourenço Marques, afirma que os indígenas das circunscrições fronteiriças estão passando clandestinamente para o Transvaal, fugindo assim à brutalidade de os fazerem pagar o imposto de patente em euro ou à razão de 150\$00 por libra.

— O Emancipador de 10 de Janeiro, informa que Figueiredo Lima, director do jornal oficial, Bartolomeu Severino secretário do Interior e um comerciante, se envolveram em desordem, altas horas da noite, no "Bar Raposo".

— O mesmo jornal diz que no Comissariado da Polícia se estabeleceu a sinta inquisição, tendo havido detidos a quem têm feito estar de pés 29 horas sem comer nem beber; e que quando o cansaço leva os presos a encostarem-se às paredes, 3 ou 4 alegros dão para baixo, de mistura com os mais rasteiros insultos.

Os jornais anunciam que têm continuado as prisões por denúncia, e que sucede apreender homens vestidos de mulheres, buscando nas casas quando os seus proprietários estão ausentes.

Os agentes do Governo falsificaram um suplemento do jornal operário O Emancipador, encorajando-o de próspera traiçoeira e vil pela qual, em nome da "Comissão de Resistência", eram convidados todos os ferroviários a apresentarem-se em massa, sem condições, ao serviço. Então «Um grupo de ferroviários» fez publicar imediatamente um manifesto denunciando a infâmia, e do qual A Batalha extraíra os seguintes e flagradores períodos:

«Se ainda dividas restassem sobre o estojo moral dos componentes da quadrilha dos esquerdistas, a edição que acabam de fazer do suplemento a O Emancipador demonstra à evidência o quanto pode a baixezas de tais bandidos.

— Está instituída com o visto das autoridades neste pacato burgo, a formiga branca de tão nefasta memória. Figueiredo Lima é o bandido sócio da seita, tendo por acólitos um traiçola que dá pelos nomes de Américo ou Belchior o qual, por seu turno tem por acólito também um Ferreira ou Pereira norgento ou repelente. Este triunvirato é por seu turno acolitado por um Límpio de Lacerda mais vulgarmente conhecido por Sujo de Lamerda, um tal Pinho (amigo ferroviário), um Lopes (Manivela) e o homem da carroça dos cães que, no exercício da sua ex-profissão se adaptou às funções de cão de fila».

— Lopes, o homem da carroça dos cães, guarda costa do Figueiredo, o espião do Governo, relatam-no O Direito e O Guardião de 19 de Janeiro, assassinou, com 3 tiros de pistola, na praça 7 de Março — o ferroviário Raúl Ferreira, homem honesto, socogreado e trabalhador que deixa viúva e um filhinho na miséria. O sicário, quadrilheiro do governo, cometeu o hediondo crime com uma pistola "Savage" militar, o que só si, naquele pacato burgo, denuncia as afinalidades que o Lopes tinha com a situação.

— A fera, depois de cometido o crime, não se querendo deixar prender, feriu ainda, à navalhada, mais dois indivíduos, e na sua terrível fúria continuaria, se um popular destino, o não deixasse abaixo com uma pancada na cabeça.

— Esta mesma fera, provocando grevistas indefesos, já anteriormente, no mesmo local, tinha pretendido abater alguns. Avisava a polícia de que o sicário andava indenidamente armado esta não fez caso do aviso.

— Valores entendidos?

— O funeral do assassinado foi uma imponente manifestação de protesto tendo todo o comércio encerrado as suas portas.

— Raúl Ferreira, a vítima infeliz dum esforço do Governo, tinha sido preso em 26 de Dezembro, embora já nessa data estivesse trabalhando nas oficinas Le May.

— Podiam ser apontados muitos outros fac-

CARTA DE COIMBRA

Os operários da indústria do mobiliário movimentam-se contra a exploração dos reclusos na Penitenciária

COIMBRA, 14. — Conforme noticiámos, os operários da indústria do mobiliário estão desenvolvendo intensa actividade em face da grave crise de trabalho que a classe atravessa e que é atribuída, em grande parte, à laboração das oficinas da mesma indústria na Penitenciária desta cidade.

Na passada sexta-feira, 12, teve lugar a terceira reunião para tratar de tão momento assunto, a qual se realizou no sede do Clube Operário, pelas 18,30 horas,

Presidente Arlindo dos Santos, secretariado por José da Velha e Ezequiel Correia.

Aberta a sessão, foi dado conhecimento à assembleia, do resultado das «démarches» junto do governador civil, o qual prometeu interesser-se pelo assunto.

Fizeram uso da palavra alguns operários, sendo feitas reuniões interessantes acerca das desleais concorrências dos arrematantes das oficinas da Penitenciária e os seus colegas da indústria particular, os quais, ultimamente, têm chegado ao ponto de induzirem clientes com obra já contratada, a rescindirem os contratos feitos, apresentando propostas mais vantajosas, o que podem fazer sem prejuízo, atendendo a que esses senhores têm dentro das suas oficinas algumas dezenas de reclusos, cuja remuneração é miseravelmente feita.

Esta nova atitude dos arrematantes origina grandes protestos da assistência, pois estão contribuindo, assim, para um maior agravamento da crise na classe.

Por proposta de Amadeu Neves é resolvido que se nomeie uma comissão para se avistar com o director da Penitenciária, e fazer sentir àquele senhor o quanto a laboração das oficinas de mobiliário, com o regime de trabalho ali existente, afecta a situação económica dos componentes desta classe.

A comissão nomeada para esse fim é composta pelos camaradas Arlindo dos Santos, Amadeu Neves, Alfredo da Silva e José dos Reis.

Foi resolvido, também, convidar o correspondente de A Batalha a acompanhá-la nessa missão.

Como estivesse presente na sala o industrial Henrique Dias, o presidente reconhecendo neste um passado de trabalho em prol da classe, quando operário, e o seu interesse sempre manifestado para que a indústria prospere, pede à assembleia autorização para que lhe seja permitida fazer uso da palavra, o que é concedido.

Dada a palavra, àquele industrial, alargou-se em diversas considerações oportunas, fazendo enraizar ainda mais na assistência a convicção de que a sua causa é justa.

Termina por lamentar a dualidade de critério dum dos arrematantes das oficinas, Fernando Jacob; este cavalheiro quando as oficinas estavam arrematadas apenas pelos industriais António Felício e Manuel Miranda, era um dos que maior propaganda fazia contra aqueles, chegando a propor a execução de actos violentos para obstar a que continuassem a funcionar aquelas oficinas.

Hoje, que Fernando Jacob, socialista, (?) se encontra de parceria com os primitivos arrematantes, é exactamente o que se distingue mais na ignobil exploração dos reclusos, poia já é célebre aquela frase, a él atribuída: «os presos só conseguem fazer alguma coisa à força de cavalo marinho...».

Por último foi resolvido nomear uma comissão de resistência, com plenos poderes para tratar de todos os assuntos que se fundam com esta questão.

A sessão foi encerrada pelas 21 horas, devendo realizar-se outra em breves dias. — C.

A VOZ DA CADEIA

Os presos por questões sociais que se encontram no sector C, da cadeia de Monsanto, pedem-nos que tornemos público o seguinte:

São totalmente estranhos aos actos de agressão e roubo praticados por individuos que invocam a situação dos presos. Embora sofrendo inúmeras privações, os espirituosos dos operários presos vão a ponto de não receberem dinheiro cuja proveniencia ignoram, apenas partindo equitativamente entre si os donativos que lhes enviam suas camaradas. Os referidos presos afirmam com altivez a sua qualidade de operários e militantes, por não quererem confundir-se com individuos que praticam actos dignos de tóda a repulsa.

— Comunicam-nos o operário Augusto Vitor da Cunha, preso na cadeia de Monsanto, que lhe foi entregue a quantia de 64\$25, produto de uma quete aberta pelo seu camarada Carlos Ribeiro, nas obras do manicomio.

MALAS POSTAIS

Pelo paquete «Ussukuma» são hoje expedidas malas postais para Las Palmas e África, sendo da caixa geral a última tiragem da correspondência as 8 horas.

Por via de Marselha também se expedem malas de correio para a Índia portuguesa e Macau, efectuando-se a última tiragem às 11 e 30.

“A BATALHA” No Funchal vende-se no Bureau de La Presse.

Isto. Bastam, porém os que aí ficam, para se aquilatar do «ébulo aberto» que vai por Lourenço Marques.

Sem esquecer que, do material volante dos C. F. L. M., já pouco resta que não esteja profundamente avariado e fora do serviço.

Mal Azevedo Coutinho não se resigna a tirar a cantaria das milagres fonte que lhe deixa um pouco mais de 20 libras por dia; e o ministerio das Colônias, satisfeito com a obra do grande homem, deixa-o estar, dando aquele lindo espectáculo de liberal e administrador.

Podiam ser apontados muitos outros fac-

POR TERRAS DE ÁFRICA

A escravatura disfarçada em intuições humanitárias

A propósito dum diploma oficial publicado recentemente que mais parece uma armadilha primitivamente preparada pelos governos do que uma medida afilativa tomada por governantes ingénios, recebemos a publicação que segue. A doutrina de que vem não é nossa.

Mas com ela concordamos plenamente excepto em certos pontos de vista libertários, bem conhecidos dos nossos leitores.

Eis o comunicado:

A portaria publicada no Diário do Governo de 4 de Janeiro último sobre a colonização de São Tomé e Príncipe é uma verdadeira mistificação. Esse diploma não resolve coisa nenhuma e não passa, bem vistas as coisas, de uma maneira habilidosa de tornar a questão, adquirindo maldade, forçadamente e sem verdadeiro projeto para o indígena nem para o Estado.

As ilhas de São Tomé e Príncipe, com uma superfície de 938 quilómetros quadrados, comportam uma população de perto de 50.000 habitantes no número dos quais se contam 3.000 europeus, 12.000 indígenas e 35.000 trabalhadores.

Esta população, apresentando uma densidade de 53,3 por quilómetro quadrado de terra fértilssima, gozando de um clima excepcionalmente temperado, a-pesar de estar localizada quase sob o equador, com admiráveis condições para as intensas explorações agrícolas que poderiam constituir mais importante fonte de riqueza nacional, encontra-se na sua maioria em uma situação afilativa, pela insignificante proporção divulgatória das terras.

As mais produtivas e férteis glebas, as maravilhosas matas e os riquíssimos mananciais de fertilização, constituem ainda hoje colossais feitorias sujeitas ao domínio de meia dúzia de senhores feudais.

Toda a riqueza da ilha, em virtude de esbulhamentos criminosos praticados de Estado e aos naturais, é oterizada assim aos interesses de uma dezena de potentados, com prejuízo de todas as leis do Direito e da Humanidade.

Mas se a exploração dos terrenos húmidos mais apropriados às culturas remuneradoras se encontram, por uma exigua constituição fracassária, sob o domínio das grandes empresas, é certo que determinadas zonas do sul e do centro, em virtude de especiais condições meteorológicas, como a humidade e a temperatura excessiva, encontram-se completamente abandonadas, constituindo baldios; que racional seria valorizar pelo esforço, não do colono impaciente, sem estabilidade nem amor à terra, mas do indígena.

Mas se a exploração dos terrenos húmidos mais apropriados às culturas remuneradoras se encontram, por uma exigua constituição fracassária, sob o domínio das grandes empresas, é certo que determinadas zonas do sul e do centro, em virtude de especiais condições meteorológicas, como a humidade e a temperatura excessiva, encontram-se completamente abandonadas, constituindo baldios; que racional seria valorizar pelo esforço, não do colono impaciente, sem estabilidade nem amor à terra, mas do indígena.

É que a exploração das terras da ilha é devida ao senhorio feudal de Cristo e a soldadesca armada, passavam ufano com bandeiras azuis, em sinal de triunfo.

Sublime triunfo, o triunfo de cobardia!

E sobre os cadáveres daquele terrível massacre e por charcos de sangue, os soldados profanos de Cristo e a soldadesca armada, passavam ufano com bandeiras azuis, em sinal de triunfo.

Quadrilha de velhacos, de selvagens, de aventureiros e de criminosos fanatizados, servidores do governo, dizemos.

Quadrilha de velhacos, de selvagens, de aventureiros e de criminosos fanatizados, servidores do governo, dizemos.

Quadrilha de velhacos, de selvagens, de aventureiros e de criminosos fanatizados, servidores do governo, dizemos.

Quadrilha de velhacos, de selvagens, de aventureiros e de criminosos fanatizados, servidores do governo, dizemos.

Quadrilha de velhacos, de selvagens, de aventureiros e de criminosos fanatizados, servidores do governo, dizemos.

Quadrilha de velhacos, de selvagens, de aventureiros e de criminosos fanatizados, servidores do governo, dizemos.

Quadrilha de velhacos, de selvagens, de aventureiros e de criminosos fanatizados, servidores do governo, dizemos.

Quadrilha de velhacos, de selvagens, de aventureiros e de criminosos fanatizados, servidores do governo, dizemos.

Quadrilha de velhacos, de selvagens, de aventureiros e de criminosos fanatizados, servidores do governo, dizemos.

Quadrilha de velhacos, de selvagens, de aventureiros e de criminosos fanatizados, servidores do governo, dizemos.

Quadrilha de velhacos, de selvagens, de aventureiros e de criminosos fanatizados, servidores do governo, dizemos.

Quadrilha de velhacos, de selvagens, de aventureiros e de criminosos fanatizados, servidores do governo, dizemos.

Quadrilha de velhacos, de selvagens, de aventureiros e de criminosos fanatizados, servidores do governo, dizemos.

Quadrilha de velhacos, de selvagens, de aventureiros e de criminosos fanatizados, servidores do governo, dizemos.

Quadrilha de velhacos, de selvagens, de aventureiros e de criminosos fanatizados, servidores do governo, dizemos.

Quadrilha de velhacos, de selvagens, de aventureiros e de criminosos fanatizados, servidores do governo, dizemos.

Quadrilha de velhacos, de selvagens, de aventureiros e de criminosos fanatizados, servidores do governo, dizemos.

Quadrilha de velhacos, de selvagens, de aventureiros e de criminosos fanatizados, servidores do governo, dizemos.

Quadrilha de velhacos, de selvagens, de aventureiros e de criminosos fanatizados, servidores do governo, dizemos.

Quadrilha de velhacos, de selvagens, de aventureiros e de criminosos fanatizados, servidores do governo, dizemos.

Quadrilha de velhacos, de selvagens, de aventureiros e de criminosos fanatizados, servidores do governo, dizemos.